



doi: 10.20396/rfe.v11i2.8656152

EU, FILÓSOFO DA EDUCAÇÃO? Uma análise reflexiva do ser filósofo na educação

Gustavo Schneider de Camargo

RESUMO:

Ao enfrentar novos desafios de formação em uma subárea de estudo e pesquisa (Filosofia da Educação), busquei traçar a trajetória acadêmica daqueles autores/pesquisadores pertencentes à Filosofia da Educação. Minha trajetória acadêmica foi parâmetro para análise dos dados desta pesquisa. Coletei todos os trabalhos apresentados entre 2007 até 2017, das Reuniões Científicas Nacionais da Anped, GT17. Pesquisei a trajetória acadêmica dos autores destes trabalhos por meio do acesso ao currículo Lattes. Pude concluir que minha trajetória acadêmica não é tão errática como imaginava e definir algumas premissas que podem ajudar a direcionar outros, envolvidos no tornarem-se filósofos da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Formação. Filosofia da Educação. Trajetória Acadêmica.

ABSTRACT:

As I faced new learning challenges in a subarea of study and research, I pursue to trace the production and academic trajectory of those who belonged to Education Philosophy. I used my own academic trajectory as parameter to limit my analyses. I collected all papers presented in 2007 to 2017, in all Anped National Scientific Reunions, GT17. I searched every author of these papers academic trajectory through the curriculum data base – Lattes. It was possible to come to a conclusion that my academic trajectory is not so erratic as I once imagined, and also, it was possible to define some guidelines that may help those in the path of becoming education philosopher.

KEY WORDS: Formation. Education Philosophy. Academic Trajectory

INTRODUÇÃO

Graduei-me em 2004. Licenciado em Educação Física. No ano seguinte era também bacharel na mesma área do conhecimento. Anteriormente a minha primeira graduação já trabalhava na área educacional. Havia morado quase dois anos completos nos Estados Unidos, era fluente em Inglês, em razão disso, conseguia certa renda com aulas de Inglês, mas não tinha a certeza, nesta época, se era mesmo professor. Foi só depois do diploma em mãos que realmente me senti professor. Hoje percebo que idealizava a figura do professor, um pai, um guru, o detentor do conhecimento, a pessoa que tinha mais certezas do que dúvidas. Esse não era eu. Socraticamente, minha única certeza era que não me faltavam dúvidas: de como agir, de conteúdo, de métodos, de procedimentos, de técnicas, de conhecimento, de sabedoria. Estudei. Especialização, outra graduação – Pedagogia – cursos e mais cursos, nada era suficiente e tudo, uma impossibilidade temporal. Finalmente, pude perceber a força motriz das dúvidas e do anseio de modificar vidas como professor, de realmente promover experiências de formação por meio da Educação Física para os alunos. Experiência no sentido mais profundo que esta palavra possa carregar. Um sentido adorniano¹, benjaminiano² talvez, transformador, superador, emancipador. Ingressei no mestrado. Mestrado em Educação, núcleo de Práticas Educativas – precisa ver a experiência se concretizar³.

¹ ADORNO, T.W. *Dialética negativa*. Introdução – Aforismo 19. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. Neste Aforismo, Adorno discorre sobre o conceito de experiência com profundidade e como necessidade, não só como experiência filosófica, mas também como experiência formativa-educacional.

PUCCI, B. O privilégio da experiência filosófica no processo educacional. *3er Congreso Latinoamericano de Filosofía de la Educación*. Cidade do México. Disponível em: www.filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/download/70/52. Acesso em: 27 de setembro de 2018. Outro artigo que trata do conceito de experiência para Adorno e sua importância no processo educacional.

² Existem diferenças entre o conceito de experiência para Adorno e Benjamin, mas o enfoque deste ensaio é dado na profundidade deste conceito e de sua importância para a Educação. Há diferenças entre adquirir conhecimento e informações e ter experiências formativas. Mais sobre estas diferenças nos artigos citados a seguir: LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abril, 2002. LARROSA BONDÍA, J. Experiência e alteridade em educação. *Reflexão e Ação*, v. 19, n. 2, 2011, p. 4-27.

³ Sobre a pertinência social da universidade e da pós-graduação. GOERGEN, P. Educação instrumental e formação cidadã: observações críticas sobre a pertinência social da universidade. *Educar*, Curitiba, n. 37, p. 59-76, maio/ago. 2010.

Consegui captar apenas lampejos, indícios⁴ de transformação, mas nem sempre no caminho do bem (?). Adentrado neste labirinto ético (bem, mal, bom, ruim), constatei a beleza da ambiguidade formativa da experiência esportiva⁵, meu objeto de pesquisa, desta vez no doutorado. Continuei com os estudos. Doutorando, precisava mergulhar profundamente nesta ambiguidade, pensar sobre ela, queria filosofar! A tarefa da filosofia da educação é a busca do sentido da formação humana: “A questão fundamental que cabe a Filosofia da Educação responder é aquela do sentido e da finalidade da educação.” (SEVERINO, 2006, p. 623). Pertencia ao núcleo de História e Filosofia da Educação e mais precisamente no subnúcleo da Filosofia da Educação. Contudo, eu, filósofo da Educação?

Meu primeiro contato com os filósofos da Educação, contato real, não à tinta, em livros, mas verbalmente, visualmente, contestadoramente, se deu nas discussões durante as disciplinas que cursei para o doutorado. Outros filósofos da Educação encontrei somente na Reunião Científica Regional Sudeste da Anped⁶ (“Anpedinha”), no GT17 (grupo de trabalho 17 – Filosofia da Educação). Admirei-me com tamanho conhecimento e variedade de temas de estudo, porém, nada que aproximasse meus estudos ou eu mesmo deste grupo seleto de pensadores. Queria achar meu lugar neste grupo, pertencer a ele, forçar minha pesquisa para dentro do mundo da filosofia. Havia alguma esperança? Não sabia, mas estava disposto a buscar respostas, para ser mais claro, analisaria dados tendo como parâmetro, como

⁴ Sobre “lampejos” e “indícios” nas pesquisas educacionais e ciências humanas: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. GINZBURG, C. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução: Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁵ “A ambiguidade formativa da experiência esportiva”. Título provisório de minha tese de doutoramento. Nela, pretendo defender a necessidade da experiência esportiva como educação/formação, na escola, em toda sua abrangência e ambiguidade, trabalhando categorias que considero constitutivas do esporte e da experiência esportiva: rendimento, superação, lúdico, - estas retiradas de: GARCIA, R. P. *No labirinto do desporto: horizontes culturais contemporâneos*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2015. 358 p. – estética e ética.

⁶ Anped – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Sobre a Anped: <http://www.anped.org.br/sobre-anped>.

régua, minha trajetória acadêmica. Na verdade, eu era a régua, Procusto⁷, tinha de me encontrar, de encaixar minha pesquisa na filosofia da Educação, me tornar filósofo.

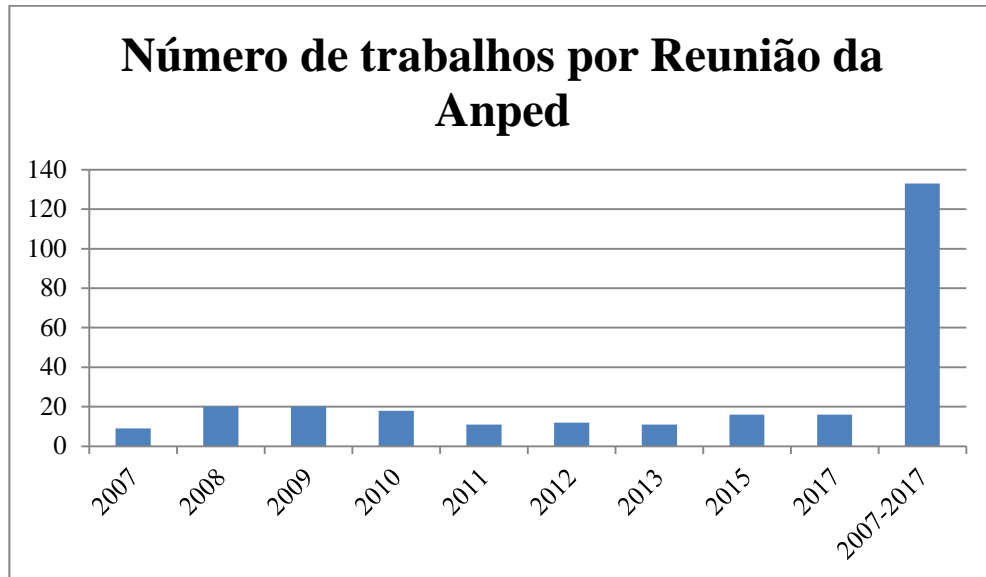
Já citado no parágrafo anterior, usei minha trajetória acadêmica como parâmetro para o recorte desta pesquisa. Coletei dados dos últimos 10 anos, 2007 até 2017, das Reuniões Científicas Nacionais da Anped, uma vez que considero a Anped a mais importante associação na área de pós-graduação e pesquisa em Educação. O segundo recorte foi feito segundo o subnúcleo de estudos em que me encontro no doutorado, Filosofia da Educação, correspondente ao grupo de trabalho 17 (GT17). Em seguida, selecionei todos os trabalhos publicados neste GT17 em todas as reuniões científicas nacionais que ocorreram nesta década, 9 ao todo, nos anos 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2015, 2017. Após coletar todos os trabalhos, pesquisei todos os autores destes trabalhos, mais especificamente, suas trajetórias acadêmicas: graduações, mestrado, doutorado; desconsidereei outras formações, como especializações e pós-doutorados. Consegui estes dados por meio do acesso ao currículo Lattes⁸ de cada um deles. Estava à procura de trajetórias acadêmicas similares à minha: licenciatura e bacharelado em Educação Física, graduação em Pedagogia, mestrado em Educação, doutorando em Educação e ainda, se dos trabalhos publicados, existiam autores que não haviam concluído ainda o doutorado. Antes da coleta de dados, e pelo que observei nas discussões do GT17 da Anped sudeste de 2018, previ que os filósofos da Educação seriam em sua maioria, graduados em Filosofia, mestres em Filosofia ou Educação e doutores em Filosofia ou Educação, e que se houvesse, seriam pouquíssimos os trabalhos publicados por mestres, ou doutorandos, dado o nível das discussões.

DESENVOLVIMENTO

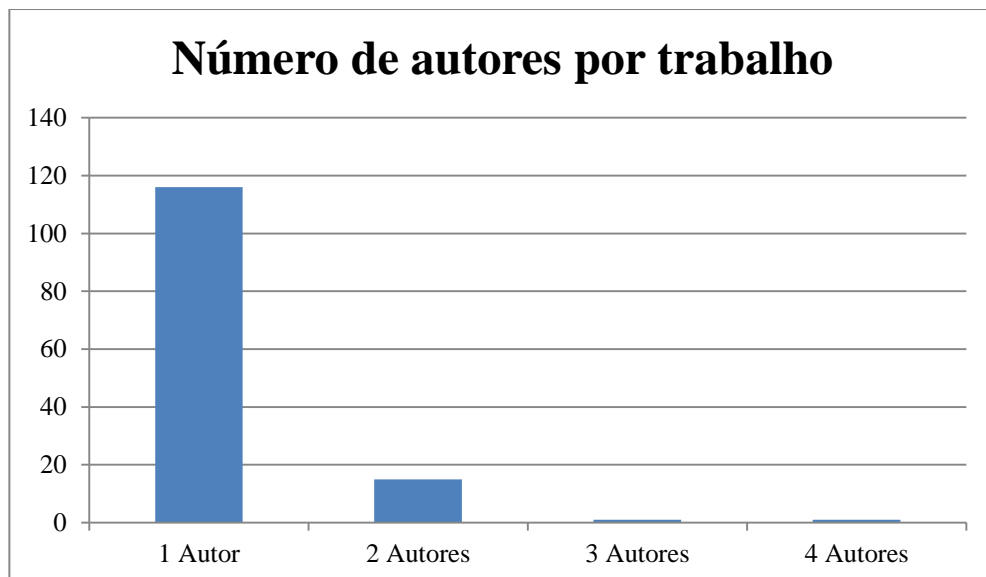
⁷ Sobre o mito de Procusto: O LEITO DE PROCUSTO. Disponível em: <https://mitologica.blogs.sapo.pt/o-leito-de-procusto-304>. Acesso em: 27 de setembro de 2018.

⁸ Plataforma LATTES, onde se encontra o currículo de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que atuam no Brasil. BRASIL. Plataforma Lattes, CNPq. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 27 de setembro de 2018.

Das 9 reuniões científicas nacionais da Anped na década 2007-2017, o GT17 publicou um total de 133 trabalhos: 2007 – 9 trabalhos, 2008 – 20, 2009 – 20, 2010 – 18, 2011 – 11, 2012 – 12, 2013 – 11, 2015 – 16, 2017 – 16.



Estes trabalhos tiveram um total de 108 autores, em sua grande maioria com apenas um autor. Trabalhos com: 1 autor – 116, 2 autores – 15, 3 autores – 1, 4 autores – 1.

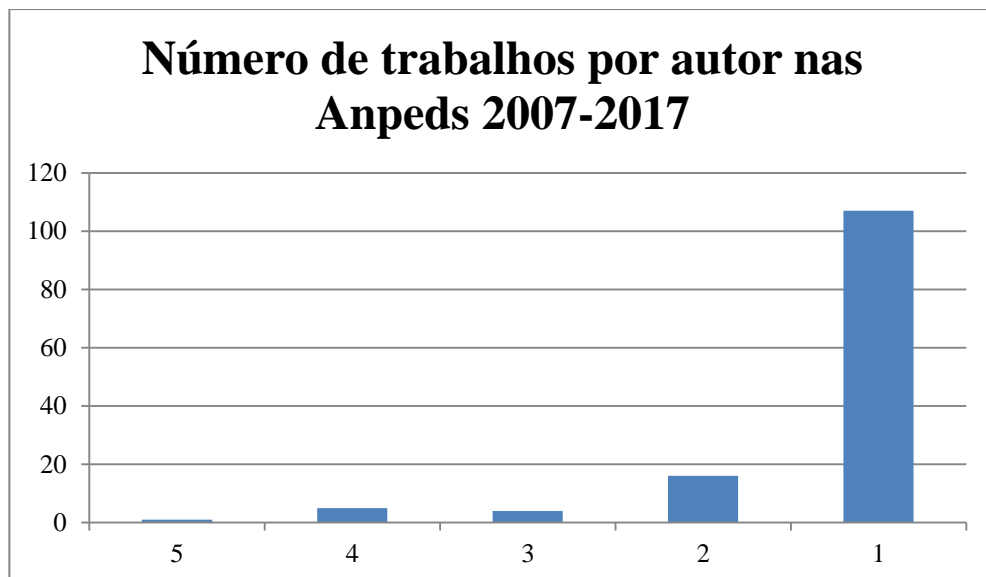


Concluo que a coletividade na feitura de trabalhos na área da Filosofia da Educação não é apreciada, ou de difícil realização. Uma hipótese para tal conclusão estaria relacionada ao vasto número de filósofos e linhas de pensamento, que geralmente não acrescentam umas as outras,

mas partem da negação, da crítica deste pensamento, ou parte dele, para a elaboração de um pensar distinto. O papel do filósofo e conseqüentemente, do filósofo da educação é teórico crítico, de negação da realidade presente:

Resta ao filósofo um trabalho teórico crítico, calcado numa negação radical da realidade presente, ainda justificando a luta contra todas as formas de dominação, desde que renuncie à tentação da universalidade e da totalidade, tanto no campo ético como político. Tal a única maneira de garantir uma autonomia do sujeito num contexto onde haja igualmente a liberdade de todos. (SEVERINO, 2006, p. 630).

Dos autores, na década analisada: 1 autor publicou 5 trabalhos, 5 autores publicaram 4 vezes, 4 autores publicaram 3 trabalhos, 16 autores publicaram 2 trabalhos e 107 autores publicaram 1 trabalho.



Pude concluir com estes dados que há renovação de autores na área da Filosofia da Educação, ou que, autores consagrados, não tem interesse mais neste tipo de trabalho, o que leva a outro questionamento: como definir autores consagrados? Pelo currículo Lattes? Pelo número (quantidade) ou pela qualidade das publicações?⁹ Analisando rapidamente o cronograma das

⁹ Sobre a qualidade da pesquisa e a produção de conhecimento na pós-graduação em Educação: MACEDO, E.; SOUSA, C.P. A pesquisa em educação no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.15, n. 43, p. 166-176, jan-abr, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782010000100012&script=sci_arttext e NOSELLA, P. A pesquisa em educação: um balanço da produção dos programas de pós-graduação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.15, n. 43, p. 166-176, jan-abr, 2010. Disponível em:

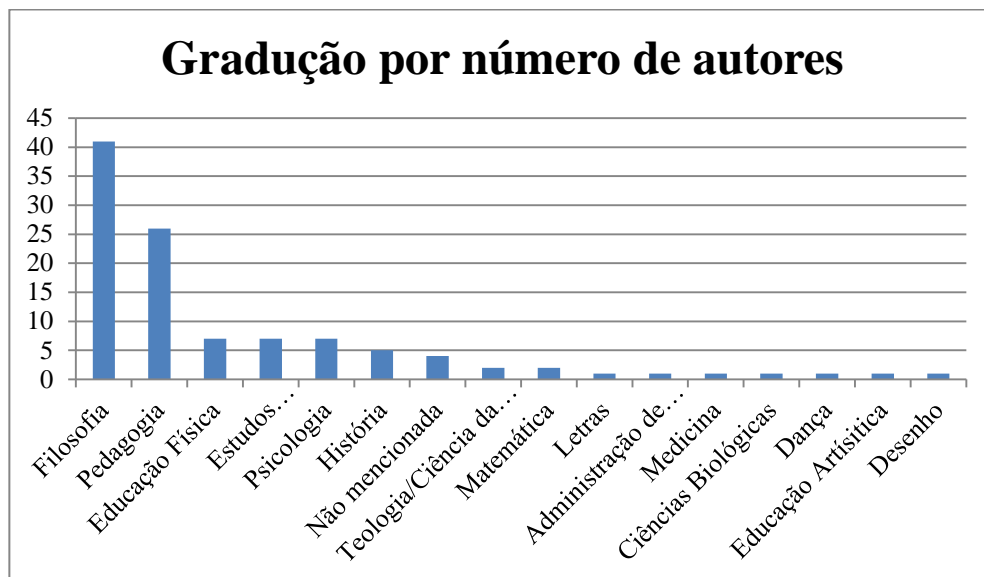
reuniões da Anped que me propus a coletar os dados para este ensaio, pude observar que nomes conhecidos na área estavam mais presentes como mediadores das mesas de debate, com trabalhos encomendados, ou ministrando cursos e minicursos, assim, feita a primeira análise, acreditei que a grande maioria dos autores na Anped eram aqueles construindo ou buscando consolidar uma trajetória acadêmica, o que se provou como equívoco, uma vez que a grande maioria dos autores com trabalhos publicados já eram doutores. Dos 108 autores, 92 já possuíam doutorado completo no ano de publicação de seus trabalhos.

Previ anteriormente, que a maioria dos autores seria graduada em filosofia. Descreverei os dados que encontrei sobre a primeira graduação dos autores, digo primeira graduação, porque, para meu espanto, encontrei inúmeros autores com mais de uma graduação: 3 graduações – 6 autores, 2 graduações – 26 autores, 1 graduação – 76 autores.

Como primeira graduação, em ordem decrescente de número de autores: 41 autores eram graduados em Filosofia; 26 em Pedagogia; empatados com 7 autores cada estão Educação Física (!), Estudos Sociais/Ciências Sociais e Psicologia; 5 autores são graduados em História; 4 autores não mencionaram sua graduação no currículo Lattes; 2 autores são graduados em Teologia/Ciências da Religião; 2 em Matemática, e apenas 1 autor nas graduações em: Letras, Administração, Medicina, Ciências Biológicas, Dança, Educação Artística e Desenho. Sabe-se que todas as áreas do conhecimento possuem professores, nisso a Educação engloba a todos, mas quando pensamos em pesquisa em Educação, assume-se que teremos mais pesquisadores/autores com formação na área das Ciências Humanas, ou aqueles cursos que possuem parte da grade curricular voltada à formação pedagógica, à licenciatura. Porém, segundo o recorte que me propus nesta investigação, confirmei minha hipótese primeira. A grande maioria dos autores da subárea da Educação – Filosofia da Educação – é graduada em Filosofia. Comprovo assim, que meu esforço para adentrar neste grupo tende a ser maior do que aqueles que, diferente de mim, tiveram

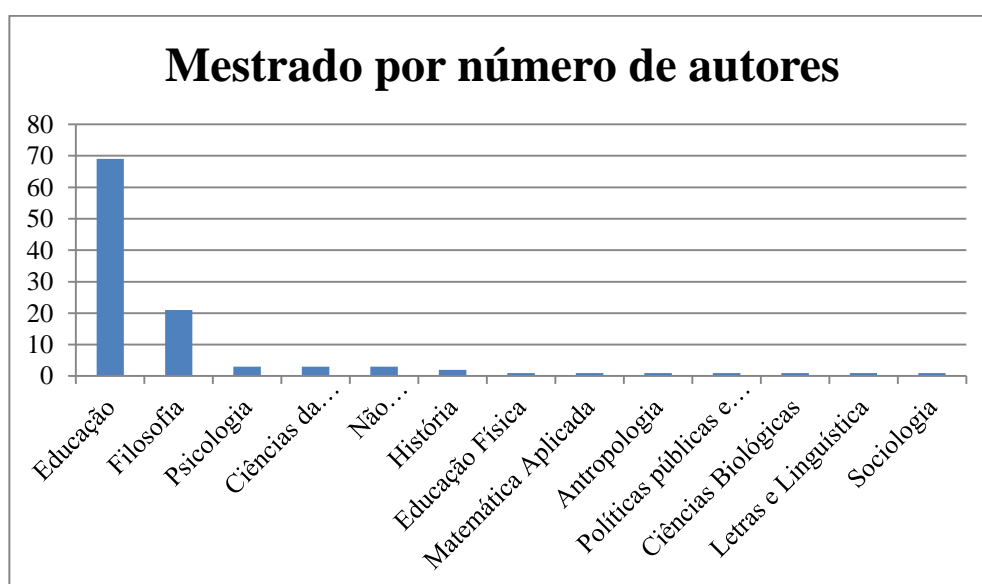
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782010000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

uma formação completa e extensa em Filosofia. A esperança que buscava em achar pares com trajetória acadêmica semelhante a minha começa a nascer. Em terceiro lugar em número de autores, estão àqueles graduados em Educação Física, empatados com a Psicologia, que outra vez, trata-se de um curso que tende a ter uma formação filosófica mais aprofundada e extensa do que, acredito, a formação em Educação Física. Tal análise, não diminui ou aumenta a importância de um curso/graduação ou outro. Não pretendo fazer análise de grade curricular de cursos superiores, faço minha interpretação na experiência estudantil, de conhecimento que tende a ser maior em determinados curso que em outros quando se volta o olhar a uma determinada área da Educação, no caso, Filosofia da Educação (Filosofia; Educação – Pedagogia, Licenciaturas).



Conforme sigo na análise da formação acadêmica dos filósofos da Educação, imagino que maior será o direcionamento para as áreas de Educação ou Filosofia. O número de autores com dois mestrados diminui significativamente em comparação ao número de graduações múltiplas. Não há nenhum autor com 3 mestrados, há 4 autores com 2 mestrados, assim, os outros 104 autores restantes possuem 1 mestrado. A diversidade de áreas em que os autores se graduaram é pouco maior que as áreas do mestrado. São 15 áreas de graduação e 12 áreas de mestrado. Há uma inversão entre as duas áreas do mestrado mais cursadas em relação às da graduação: 69 autores cursaram o mestrado em Educação, 21 em Filosofia, 3 em

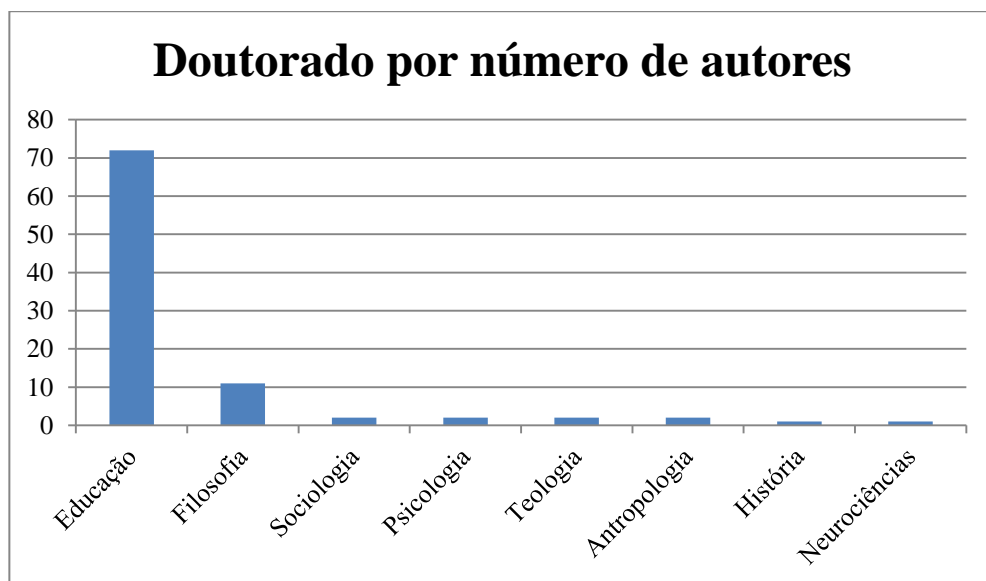
Psicologia, 3 em Ciências da Religião/Teologia, 3 autores não mencionaram o mestrado ou fizeram o doutorado direto, 2 em História, 1 em Educação Física, 1 em Matemática Aplicada, 1 em Antropologia, 1 em Políticas Públicas e Formação Humanística, 1 em Ciências Biológicas, 1 em Letras e Linguística e 1 em Sociologia. Segundo o mestrado, minha trajetória se aproxima das dos filósofos da Educação, porém, pouquíssimos citaram em seus currículos o núcleo de estudo, ou a linha de pesquisa dentro da Educação, assim, não é possível inferir se estes se aproximam da linha de pesquisa em Práticas Educacionais¹⁰ que cursei no mestrado.



No doutorado, assume-se que o número de áreas do conhecimento cairá drasticamente, limitando-se às áreas da Educação, Filosofia, ou alguma área relacionada às Ciências Humanas. Vale lembrar que neste momento da análise dos dados, também mencionarei o número de doutorandos, com o doutorado incompleto, o que acredito ser o dado mais relevante deste ensaio para me descobrir como filósofo da Educação. Explico. Acredito que um dos fatores que reforçará o sentimento de

¹⁰ Há época do mestrado, o cursei na Universidade Metodista de Piracicaba (curso o doutorado na mesma instituição), o programa de Pós-graduação em Educação da Unimep era dividido em quatro núcleos: História e Filosofia da Educação; Práticas Educativas e Relações Sociais no Espaço Escolar e não Escolar; Trabalho Docente e Formação de Professores e Políticas Públicas. No mestrado, pertencia ao núcleo de Práticas Educativas e Relações Sociais no Espaço Escolar e não Escolar. Atualmente o programa possui três núcleos. O núcleo de Políticas Públicas foi integrado ao de Formação de Professores e eu fiz a transição para o núcleo de História e Filosofia da Educação e ainda, para o subnúcleo de Filosofia da Educação.

pertencimento neste grupo de pensadores, seria a publicação de um trabalho no GT17 em uma Reunião Científica Nacional da Anped. Por isso, procuro autores doutorandos, ou mestres que conseguiram tal feito. Não farei distinção se estes publicaram como primeiro ou segundo autor. Desconheço também se nas reuniões da década analisada havia restrições aos doutores ou doutorandos para a publicação, mesmo encontrando 3 autores mestres, um dos quais publicou como único e primeiro autor na reunião de 2012, os outros dois publicaram como segundo autor, nas reuniões de 2015 e 2017. Dos 105 autores restantes, já subtraídos estes acima citados, 92 já eram doutores quando publicaram seus trabalhos nas reuniões em que participaram, 5 destes já possuíam 2 doutorados completos e 1 possuía 1 doutorado completo e outro em curso: 72 autores eram doutores em Educação, 11 em Filosofia, 2 em Sociologia, 2 em Psicologia, 2 em Teologia, 2 em Antropologia, 1 em História e 1 em Neurociências. A diversidade de áreas do conhecimento diminui mais uma vez, contudo, menos do que eu imaginava. De 15 áreas na graduação, passou-se para 12 no mestrado e 8 no doutorado. Os filósofos da Educação são mais da Educação do que da Filosofia. Dos filósofos da Educação que não são doutores em uma destas duas áreas, são doutores em áreas das ciências humanas e apenas um, das ciências biológicas ou da saúde.



Os 13 doutorandos que conseguiram publicar seus trabalhos nas reuniões, ou seja, os que tiveram seus trabalhos aprovados para

apresentação antes da obtenção do título de doutor ou defesa de tese: 10 eram doutorandos na Educação, 2 na Filosofia e 1 em Performances Culturais. Destes 13, havia 3 com mais de um trabalho apresentado/aprovado em reuniões diferentes: 1 doutorando em Educação com 3 trabalhos aprovados, 2 doutorandos em Educação com 2 trabalhos aprovados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise dos dados, concluo que minha trajetória com destino final o tornar-me um filósofo da Educação, não é tão errática como imaginava. Há esperança e muito trabalho a ser realizado. Talvez o maior aprendizado, porém, adquirido no processo de pesquisa e escrita deste ensaio analítico, tenha sido chegar à conclusão que em Educação, mais importante é o realizar do que o ser. Educação, entendida como formação humana:

A idéia de formação é pois aquela do alcance de um modo de ser, mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo. Uma situação de plena humanidade. A educação não é apenas um processo institucional e instrucional, seu lado visível, mas fundamentalmente *um investimento formativo do humano*, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva. Por isso, a interação docente é considerada *mediação universal e insubstituível dessa formação*, tendo-se em vista a condição da educabilidade do homem. (SEVERINO, 2006, p. 621).

Talvez o dito popular norte-americano, (pelo menos acredito que está seja sua origem), *fake it until you make it*¹¹, realmente tenha que ser mudado: *fake it until you become it*¹², como dito por Amy Cuddy¹³ em

¹¹ *Fake it until you make it*: algo como, finja que você sabe realizar, ou fazer algo, até que você consiga realizar, ou fazer este algo.

¹² *Fake it until you become it*: finja que você é alguém até você se tornar esse alguém.

¹³ *Your body language may change who you are*. Amy Cuddy. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ks-Mh1QhMc>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

palestra no TED¹⁴, salvo as devidas ressalvas, uma vez que o foco desta palestra se trata de linguagem corporal e mudança de postura, postura que também pode ser entendida como atitudes planejadas em busca de um objetivo.

Faço, estudo, pesquiso Educação, sou professor, para o outro. Contudo, contínuo envolto nesse processo de desbarbarização, buscando sempre me desvencilhar, libertar das amarras da racionalidade técnico-utilitarista, produtivista da academia e na luta pela autonomia de pensamento, do livre-pensar a realidade posta a todos, sem distinções. A educação é um processo emancipatório de luta pela autonomia:

O compromisso da educação é com a desbarbarização, é transformar-se num processo emancipatório, no qual ocorra uma luta sistemática pela autonomia, pela emancipação. E sua única ferramenta é o esclarecimento que se constitui como passagem do inconsciente para o consciente, do não ciente para o ciente, do pseudociente para o ciente. O esclarecimento ilumina e elimina. (SEVERINO, 2006, p. 632).

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. *Dialética negativa*. Introdução – Aforismo 19. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

ANPED. Anped - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sobre-anped>.

BRASIL. Plataforma Lattes, CNPq. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 27 de setembro de 2018.

GINZBURG, C. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOERGEN, P. Educação instrumental e formação cidadã: observações críticas sobre a pertinência social da universidade. *Educar*, Curitiba, n. 37, p. 59-76, maio/ago. 2010.

¹⁴ TED – *Technology, Entertainment, Design*. Mais sobre o TED: TED Ideas Worth spreading. Disponível em: <https://www.ted.com/about/our-organization>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abril, 2002.

LARROSA BONDÍA, J. Experiência e alteridade em educação. *Reflexão e Ação*, v. 19, n. 2, 2011, p. 4-27.

MACEDO, E.; SOUSA, C.P. A pesquisa em educação no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.15, n. 43, p. 166-176, jan-abr, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782010000100012&script=sci_arttext.

NOSELLA, P. A pesquisa em educação: um balanço da produção dos programas de pós-graduação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.15, n. 43, p. 166-176, jan-abr, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782010000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.

O LEITO DE PROCUSTO. Disponível em: <https://mitologica.blogs.sapo.pt/o-leito-de-procusto-304>. Acesso em: 27 de setembro de 2018.

PUCCI, B. O privilégio da experiência filosófica no processo educacional. *3er Congreso Latinoamericano de Filosofía de la Educación*. Cidade do México. Disponível em: www.filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/download/70/52 Acesso em: 27 de setembro de 2018.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da filosofia da educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.3, p.619-634, set. 2006.

TED Ideas Worth spreading. Disponível em: <https://www.ted.com/about/our-organization>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

Your body language may change who you are. Amy Cuddy. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ks-Mb1QbMc>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

Submetido em: 06/08/2019

Aceito em: 31/01/2020

Publicado em: 27/03/2020